

3)

Setores sem dinheiro

A indefinição do novo modelo energético do governo está paralisando os investimentos do setor. A Associação Brasileira da Infra-Estrutura e das Indústrias de Base (Abdib) informa que o segmento de geração de energia deveria estar recebendo US\$ 6 bilhões, mas chegaram apenas US\$ 600 mil. Dos projetos de hidrelétricas licitados desde o ano 2000, num total de 7 mil megawatts (MW), apenas 500 MW foram definidos, mas as obras sequer foram iniciadas.

O presidente da Abdib, José Augusto Marques, explica o motivo: "O sistema de energia está completamente desarranjado. O investidor quer saber do governo para quem vai vender energia e quanto vai ganhar com isso. Sem essas informações, não há planejamento de negócios." O impacto dessa insegurança para o investidor é direto no emprego. A Abdib informa que, em 2001, o setor (indústrias de base) tinha 281 mil postos de trabalho. Em 2002, saltou para 295 mil, mas neste ano a previsão é de redução de 5 mil vagas.

Além de energia para poder crescer, o Brasil precisa dar um salto nas exportações. Por isso, precisa oferecer portos eficientes. Mas a realidade é outra. O presidente da Associação Brasileira de Terminais Portuários Privados (Abtp), Wilen Manteli, diz que o setor não precisa de obras civis, mas a modernização dos equipamentos requer investimento de US\$ 1 bilhão para que o país tenha portos de primeiro mundo.

Taxa de juros

Mas o quadro para o investidor é desanimador. O índice Formação Bruta de Capital Fixo, apurado pelo IBGE, mostra que, no primeiro trimestre deste ano, houve queda de 4,6% em relação ao último trimestre de 2002. O diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Gomes de Almeida, é taxativo: "No curto prazo, não sairemos dessa retração sem reduzirmos a taxa de juros. Se o governo olhasse para a frente e para o ritmo da atividade, poderia ter reduzido os juros em abril."

No médio prazo, ele alerta para a solução dos gargalos da indústria de base, porque ela é exportadora. Isso significa investir em energia, portos, ferrovias, inovação e manter taxa de câmbio competitiva, próxima de R\$ 3,25 por dólar. Com consequências de longo prazo, o Iedi defende as reformas tributária e previdenciária, mas critica o governo por manter tributos sobre bens de capital (máquinas e equipamentos). "É um tiro no pé", afirma Almeida.